

# O que é ser contemporâneo hoje? Ou em defesa de uma psicanálise engajada

*What is it to be contemporary today?  
Or in defense of an engaged  
psychoanalysis*

**Bárbara Breder Machado**

A questão lançada convoca-nos a fitar o horizonte de nossa época em colapso. Mirada que temos recuado dada a insuportabilidade dos dias desoladores de pandemia mundial, que, no Brasil, nos coloca face a nossas feridas históricas. E, em um só gesto, convoca-nos a refletir simultaneamente sobre três tempos: analisar criticamente nosso duro passado para ensejar a tentativa de compreender o que estamos vivendo no presente, em ruínas, a fim de poder construir um futuro outro animado pela utopia ativa de encontrar linhas de fuga entre as brechas que se abrem nos escombros.<sup>1</sup>

Dessa forma, é deveras importante enfrentar a questão e não paralisar frente a esse desafio, pois o risco que se corre é similar ao de sustentar o olhar reto para a Medusa<sup>2</sup>. O risco da inibição aqui é entendido como a estratégia do reducionismo teórico, que nos impossibilita a análise ampliada e complexa dos fenômenos. Capacitando-nos somente para mirar, observar e classificar as serpentes, escapando-nos a possibilidade de um olhar ampliado sobre a atualidade e avançar.

Na tentativa de contribuir para a resposta à pergunta “o que é ser contemporâneo hoje?”, ensinaremos aqui dois argumentos. O primeiro refere-se ao posicionamento ético: a necessidade de tomar lugar político enquanto intelectual – dados o cenário de esgarçamento do tecido social, a derrocada da democracia e a pungência do fascismo atual. O segundo é a defesa de que a possibilidade de avançar no esforço de compreensão do mundo atual, em ruínas, e seu atravessamento só é possível através da via interdisciplinar e a perspectiva ampliada que podemos, através dela, construir.<sup>3</sup>

Não é nova a advertência foucaultiana de que a disciplina também se faz presente na produção de conhecimento. A epistemologia ocidental, através do olhar do intelectual tradicional, opera a cisão de áreas e, ao definir seu objeto, promove uma espécie de corte cirúrgico ao destacá-lo da “experiência do mundo”, trazendo a marca nietzschiana de que exercício de produção do conhecimento é também um ato de violência (Nietzsche, 2006 [1872]). O especialismo opera fraturas e pode oferecer apenas um fragmento de análise: um fractal da realidade posta. Talvez, valha a ressalva de que não estamos aqui para defender a abolição do rigor acadêmico e o apagamento das fronteiras epistêmicas. Senão, estamos a ensejar a defesa de entendê-las como bordas, possíveis de dobraduras, e na construção de um espaço fértil para a produção de conhecimento. Dito de outra forma: a compreensão do “entre” como um campo de saber. Essa é a força motriz do anseio em avançar no caminho e na pesquisa interessada em articular dois campos de saber, a princípio entendidos como distintos: psicanálise e

**Bárbara Breder  
Machado**

**Universidade Federal  
Fluminense**

Professora adjunta do  
Departamento de Psicologia  
UFF/ESR.

[barbarabreder@id.uff.br](mailto:barbarabreder@id.uff.br)

## 1

O Brasil tem um enorme passado pela frente. Millôr Fernandes. (1923-2012).

## 2

Medusa – mitologia grega.

## 3

Para isso, ver ensaio *Diálogos indisciplinados e interdisciplinares sobre a pandemia: um ensaio subversivo*. Disponível em: <https://dialogosdofimdomundo.blogspot.com/2020/08/dialogos-indisciplinados-e.html>. Acesso em: 08 abr. 2021

política. Fronteira que, aos poucos, foi se redefinindo mais como pontos de conexão do que muros de separação. Evidentemente, não pretendemos afirmar que se trata de apenas um campo. Em absoluto. O esforço é construir pontos de conexão entre essas disciplinas sem perder a especificidade de cada campo<sup>4</sup>. Dito de outra maneira, ao forjar o “entre” como um “lugar”, como uma dobra, constrói-se artesanalmente um território de pesquisa fértil para “espreitar” a atualidade<sup>5</sup>.

Pois, como utilizar como recurso para a compreensão deste tempo em ruínas apenas uma perspectiva, que pode nos oferecer somente uma pequena parte de compreensão? Talvez, seja preciso, antes de tudo, olhar o cenário atual, para então poder bordejar a questão e propor uma resposta em relação ao que se pode ser contemporâneo hoje. Em outras palavras, é preciso entender onde sustentamos nossos pés (realidade concreta) para então poder entender nosso ponto de mirada deste ensaio: uma visada sobre este tempo em ruínas. Por isso, faz-se necessário operar uma pequena retificação à pergunta: o que é ser um intelectual contemporâneo hoje?

Ser contemporâneo hoje é tomar lugar político na produção de conhecimento, dado o cenário agudo de disputa de projeto de país em que vivemos. O intelectual contemporâneo é aquele que se sabe engajado. Portanto, ser contemporâneo é entender que a produção de conhecimento está na via da ação no mundo, ou seja, é romper com a dicotomia teoria *versus* prática e fazer do seu ofício a transformação política no mundo. Como podemos aprender e depreender da quarta onda do feminismo, na qual há a unificação destas duas esferas: “o ponto de vista estratégico do ativismo unifica o pessoal e o coletivo, parte do local, se veem mais como sujeitos sociais do que como sujeitos políticos. Muitas vezes manifestam-se por direitos de seus corpos, exigindo serviços, igualdade social, direitos humanos. Saem do universal abstrato para o universal concreto. Essa é também a linguagem política da quarta onda do feminismo” (HOLLANDA, 2020). É preciso ressaltar, no entanto, que não se trata de sair da esfera acadêmica para o ativismo político, senão deitar a Universidade às questões da realidade concreta contemporânea que urgem e pulsam e colocá-la a serviço do compromisso social.

### Que tempos são estes? (em que é necessário defender o óbvio)<sup>6</sup>

O momento de escrita deste trabalho é marcado pelo esfacelamento do contexto político no qual estamos inseridos. Acirrado pela pandemia de covid-19, que não apenas atravessa a produção destas linhas, como encontra nelas lugar<sup>7</sup>. No sentido em que nos permitiremos aqui também dar destino a esses vetores, que solapam a realidade em esfera mundial e que, no Brasil, nos assombra com antigos fantasmas. Nesse sentido, o questionamento outrora posto<sup>8</sup> sobre o lugar da Universidade neste contexto de disputa coloca-se agora de maneira mais pungente. Fato político que abriu diversas fissuras no tecido social e reverberou em ataques em diversas frentes às políticas públicas, direitos humanos e sociais. O que construímos como eixos basilares, a partir do período de redemocratização do país, está hoje em processo de ruína, esfacelando como areia, bem diante de nossos olhos.

Estas páginas são escritas em 2021, momento agudo da história mundial, no qual estamos em colapso, por um lado, pela pandemia de covid-19 e, por outro, pela asseveração da ordem autoritária em escala global. Ordem esta que, no Brasil, apresenta sua face mais dura da necropolítica de produção de cadáveres e a correlata naturalização de mortes<sup>9</sup>. Os processos de mortificação se desbordam também na mortificação da alteridade, da pluralidade e da liberdade. A Universidade pública se eleva, então, como um dos últimos pilares de defesa da democracia, e ela mesma é arena e objeto na disputa entre os projetos opostos de país, a saber: um projeto elitista

#### 4

Trabalho árduo de costura e que hoje resultou na confecção de um campo de conhecimento a partir do qual lanço, com mais segurança, minhas pretensões acadêmicas.

#### 5

Operação motivada pela angústia de sentir-me estrangeira em ambos os campos, que ora oferecia diálogo, ora força centrífuga que me expelia para fora. “Nem psicanalista nem cientista política”, dado que meu interesse não se enlaçava a algum objeto tradicional destes campos. Hoje entendo que esse movimento é original quando pensado a partir da minha história de vida, mas que outras mulheres intelectuais inauguraram esse caminho. Conhecer essa história motivou-me na empreitada na intercessão (entre) “psicanálise-e-política”.

#### 6

Bertolt Brecht (1898 -1956).

#### 7

Não haveria de ser diferente dado o momento que nos assola coletivamente e em nossa singularidade, visto a experiência de viver uma pandemia mundial que exigiu a reconfiguração das relações sociais, do cotidiano. Retirou-nos a possibilidade de prever o final deste período, e essa imprevisibilidade reafirma a fragilidade de nossas vidas e nossa vulnerabilidade existencial. Dessa forma, ainda que não seja um trabalho que pretende abordar o tema da covid-19 como objeto de estudos, suas consequências atravessam a autora, bem como as linhas deste trabalho, sobretudo porque, de certo modo, a pandemia tem demonstrado de maneira cruel as consequências das desigualdades sociais, raciais e de gênero em nosso país.

sustentado pela exclusão que é enfrentado por um projeto de país sedento em mitigar as desigualdades sociais e o fascismo que nos tomou de assalto.

É essa disputa que marca o movimento simbólico de nossa época. Nessa cultura permeada pela tensão de forças e disputa de poder que formam nossa realidade societária na contemporaneidade. Ser, portanto, contemporâneo ou um intelectual engajado exige ter isso como horizonte.

**“Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”**

(LACAN, 1998 [1953], p. 322).

Essa afirmação lacaniana, bem destacada por Brousse, 2019, convoca-nos e abre-nos senda para promover a reflexão política sobre o campo do Outro, permitindo-nos compreender os efeitos coletivos da produção da subjetividade. Que renuncie a isso o ofício de ser analista – e, por que não, intelectual – aquele que não tiver em conta os processos de disputa de poder e opressão de sua época. Ousaríamos aqui afirmar que a condição de ser intelectual contemporâneo, “e fazer de seu eixo e de tantas vidas” (LACAN, 1998 [1953], p. 322), requer uma tomada de lugar político em relação a seu tempo. Pois, como poderia fazê-lo “quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico?” (LACAN, 1998 [1953], p. 322).

Nesse sentido, a pungente afirmação lacaniana cai-nos como um chamado, não apenas para reconhecer o caráter político da clínica, mas também como convocação de tomar lugar na disputa de discurso e nas relações de poder engendradas no contemporâneo. Não é demais ressaltar que a dialética na qual Lacan se sustenta para compreender o processo de constituição subjetiva é a hegeliana. Aquela que localiza na materialidade histórica a base para Assumpção do Espírito. “Negar-se enquanto ser-para-morte e a conquista da verdade, enquanto Espírito. Não se trata de uma ação religiosa, divina e atemporal, e sim uma conquista do homem enquanto pertencente a história, na medida em que habita o mundo” (MACHADO, 2015, p. 42).

Portanto, frente a uma realidade em colapso, é preciso ter a coragem de olhá-la de frente, contextualizando sua análise à realidade concreta brasileira. A necropolítica genocida em curso exige de nós pensar de modo ampliado a complexidade dos pilares que a sustentam (passado, presente e futuro) e os impactos na constituição subjetiva que promovem. Trata-se de reafirmar o compromisso social de produção do conhecimento, que, neste país, é gestado em solo público. Logo, não deve recuar ao compromisso social de mitigar a desigualdade. Essa empreitada só pode ser viabilizada pela ruptura com a lógica elitista e na construção de costuras com outros campos de conhecimento.

A partir de nosso percurso: retomar o caráter transdisciplinar da psicanálise, contido no ato de sua fundação e reafirmado por Lacan em seu retorno a Freud. Dessa forma, se a psicanálise é aberta a outros campos de conhecimento e deles se apropria para inaugurar um campo próprio – literatura, filosofia, mitologia, lógica matemática, artes, física, dentre outros –, ousamos dizer que, em nosso tempo, nos cabe enquanto intelectuais, comprometidos com a transmissão da psicanálise, na universidade, reafirmar e sustentar a abertura deste campo para além de si, interessados<sup>13</sup> no enfrentamento das opressões estruturais.

E, para esse fim, temos como norte proffcuo o conceito de interseccionalidade proposto por Lélia Gonzalez, que exige de nós a ampliação da perspectiva do olhar de análise, ancorando-a na realidade concreta contemporânea. E, assim, em um só gesto, reificar a complexidade

## 8

Pós-Doutorado em Psicologia PPGP-UFF 2020-2021.

## 9

Finalizo a escrita destas linhas em 06 de abril de 2021, quando o Brasil registra o recorde de 4.195 mortos em 24h por covid-19. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56661590>. E soma mais de 340 mil mortes. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51713943>. Acesso em: 08 abr. 2021.

## 10

Dado que como afirma Nietzsche não há saber desinteressado.

da psicanálise e a abertura para outros campos de conhecimento, entendendo-a como uma práxis (também) política. Ou na esteira da afirmação de Rozitchner (1982, p. 15): “Freud é quem abre o caminho e tenta, talvez de maneira precária, mas ao mesmo tempo precisa, dar conta desta determinação histórica na subjetividade.” É preciso, portanto, resgatar autoras atentas a isso, que não recuaram na compreensão ampliada, para citar algumas: Lélia Gonzales, Neuza dos Santos Souza, Grada Kilomba e Frantz Fanon.

Pois, como nos adverte Darcy Ribeiro, importante intelectual brasileiro: Um poeta inglês pode ser só poeta. Mas em um país como o Brasil, com os intestinos à mostra, o intelectual tem o dever de ser político<sup>14</sup>. E, ao nosso ver, este é o caráter contemporâneo hoje: saber-se político engajado e fazer disso o eixo de sua vida.

## 11

“Um poeta inglês pode ser só poeta. Mas num país com o intestino à mostra como o Brasil, o intelectual tem obrigação de tomar posição. Essa é uma briga séria e eu estou nessa briga.” Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/assuntos/noticias/darcy-ribeiro-20-anos-a-falta-que-ele-nos-faz>. Acesso em 02 abr. 2021.

## Referências bibliográficas

- BROUSSE, Marie-Hélène. **O inconsciente é a política**. Belo Horizonte: EBP, 2019.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2011.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- LACAN, Jacques. Função e Campo da fala e da Linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. **Escritos**. Jorge Zahar Editor, 1998.
- MACHADO, Bárbara Breder. **Política e Psicanálise: (des)encontros entre Foucault e Lacan**. 2015. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. (1872). São Paulo: Cia das letras, 2006.
- RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Lélia Gonzalez **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- ROZITCHNER, León. **Freud e o problema do poder**. São Paulo: Escuta, 1982.
- SOUZA, Neuza Santos. **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.